

SUMÁRIO

Adentrar-se em Baquílides	13
Observações preliminares	19
PRIMEIRA PARTE: DADOS PRELIMINARES	
I. Aproximações à narrativa mítica: entre poesia e artes plásticas	23
1. Introdução	23
2. Análise estruturalista do mito: valências de um modelo redutor	26
3. Literatura e iconografia: duas formas de contar uma história	32
4. Walter Burkert e a cristalização do mito: uma reapreciação	53
5. Entre arte e literatura: valências de dois códigos semióticos	56
6. O mito na pintura de vasos: origens e percurso	61
7. <i>Ekphrasis</i> : processo criativo ou potencial criador?	74
8. Baquílides e a iconografia: estado da questão	82
II. Mito e desporto: celebração poética e plástica da vitória	91
1. Das origens aos Poemas Homéricos – o óbvio paradigma mítico	91
2. Jogos, recintos e modalidades: a obsessiva presença do mito	95
3. Celebração plástica e poética da vitória	100
4. Celebrar o vencedor: rivalidade ou colaboração semiótica?	120
5. Atletas e heróis: a construção do paradigma mítico	127
III. Baquílides: Percurso biográfico e artístico	133
(A) Cronologias e espaços de mobilidade poética	133
1. Introdução	133
2. Ascendência, contexto geográfico e nascimento	134
3. Início de carreira e espaços de mobilidade	138
a) Tessália e Macedónia	138
b) Egina	147

c) Atenas	150
d) Os tiranos da Magna Grécia	156
4. Últimas composições do poeta: o regresso à pátria	162
5. Um poeta exilado?	167
6. Testemunhos sobre a data de morte	171
(B) Conhecimento e recuperação de um poeta	175
1. A (des)fortuna crítica na Antiguidade	175
2. Recuperação e aproximações críticas	179
SEGUNDA PARTE: MITO, DESPORTO E ARTES PLÁSTICAS NOS EPINÍCIOS DE BAQUÍLIDES	
I. “Louvar Hierão”: o mito ao serviço dos triunfos de um tirano	189
Introdução: Hierão, Siracusa e o atletismo na Magna Grécia	189
1. Hércules e Meleagro: entre o épico e o trágico (ode 5)	194
1.1. Sobre o epinício	206
1.2. Hércules e Meleagro, um encontro na morte e sobre a morte	212
1.3. Potencialidades de um mito (aparentemente) pessimista	229
1.4. A tradição literária	237
1.5. A tradição iconográfica	248
2. Creso da Lídia, entre história e mito (ode 3)	257
2.1. Circunstâncias do epinício	264
2.2. Hierão, ou o encómio de um patrono especial	268
2.3. Creso na pira: como um herói vence a morte em Baquílides	276
2.4. O fim de Creso: entre história, literatura e iconografia	285
II. Mitos locais e etiologias: resposta a uma ânsia pan-helénica	305
Introdução	305
1. Fundação e civilização nos trilhos da luz (ode 1)	309
1.1. Datação e contextos	318
1.2. O mito: análise literária	319
1.3. Dos possíveis sentidos do mito na ode 1	328
2. Folclore local e pan-helenismo (ode 9)	332
2.1. Datação e contextos	340
2.2. Arquémoro, os Sete e a etiologia dos Jogos Nemeus	340

2.3 A descendência de Asopo: o mito central do epinício	351
3. <i>Hybris</i> , loucura e purificação (ode 11)	360
3.1. Circunstâncias e estrutura do epinício	368
3.2. Fundação do culto de Ártemis e transição para o Metaponto	374
3.3. Loucura e purificação das Prétides	377
3.4. Preto, Acrísio e a fundação de Tirinte	381
3.5. Das razões para a escolha deste mito	383
3.6. A tradição literária	386
3.7. A tradição arqueológica e iconográfica	392
4. Egina, pátria ancestral dos vencedores de Troia (ode 13)	396
4.1. O epinício em contexto	409
4.2. Aquiles e Ájax: dois heróis locais e pan-helénicos	418
4.3. Evidências da iconografia, com destaque para a escultura local	426
5. Hércules e a etiologia dos Jogos Nemeus (odes 9 e 13)	433
III. O MITO NOS EPINÍCIOS DE BAQUÍLIDES. CONCLUSÕES	443
1. (Im)possibilidades estatísticas e aspetos formais	443
2. A unidade do epinício: escolha e funções retóricas do mito	448
3. Conhecimento e uso das fontes: da originalidade de Baquílides	453
BIBLIOGRAFIA	457
ÍNDICES	
Índice de Nomes e Autores	481
Índice de Termos Gregos	529
Índice de Ilustrações	531